



A Visão de Tundalo. Harmonia, Paraíso e Salvação no Além Medieval ***Vision of Tnugdál. Harmony, Paradise and Salvation in Medieval Beyond***

Adriana ZIERER¹

Solange Pereira OLIVEIRA²

Resumo: A Igreja Medieval divulgava vários relatos de viagens imaginárias que descrevem o ambiente reservado às almas eleitas no pós-morte no espaço do santo Paraíso. A *Visão de Tundalo*, exemplo desses relatos, produzido no século XII, de autoria anônima, foi traduzido para o português no século XV e nos oferece a descrição simbólica do Paraíso no Além medieval. Nesta narrativa, o cavaleiro Tundalo, guiado por um anjo, percorre as diferentes moradas do Reino Celestial, divididas em Muro de Prata, de Ouro e de Pedras Preciosas, onde estão alocadas as almas justas dotadas de virtudes cristãs. Para merecer e desfrutar todos os bens que esses espaços oferecem, a Igreja Católica divulgava modelos de comportamento ideais, conforme os seus valores, para os fiéis alcançarem a salvação eterna no Paraíso Celestial.

Abstract: Medieval Church spread various narratives of imaginary journeys which describe the environment reserved to the elected souls in *post-mortem* in the space of Heaven. *Vision of Tnugdál*, example of those narratives, from anonymous authorship, produced in the 12th century, was translated to Portuguese in the 15th century and give us the symbolic description of Heaven in Medieval Beyond. In this text, the knight Tnugdál, guided by an angel, runs

¹ Doutora em História Medieval pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Professora Colaboradora do Mestrado em História Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: medievalzierer@terra.com.br

² Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Mestranda em História na Universidade Federal do Maranhão, sob orientação de Adriana Zierer, inserida no projeto “Viagens Imaginárias Medievais”. Prêmio de Melhor Bolsista de Iniciação Científica e aluna padrão como bolsista (CNPq/PIBIC/UEMA) no XXIII *Seminário de Iniciação Científica da UEMA* (2011). Mestrado na UFMA em andamento, com apoio de bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Maranhão (FAPEMA).



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

through the various the paths of Celestial Kingdom, divided in the Walls of Silver, Gold and Precious Stones, where are placed the faire souls who possess Christian virtues. To earn and enjoy the things that those spaces offered, the Catholic Church spread ideal models of behavior, since its conception, for the faithful ones achieve eternal salvation in Celestial Paradise.

Palavras-chave: *Visão de Tíndalo* – Viagem imaginária – Salvação – Paraíso – Cristianismo.

Keywords: *Vision of Tnugdál* – Imaginary Journey – Salvation – Paradise – Christianity.

RECEBIDO: 08.03.2013

ACEITO: 05.04.2013

Introdução

Como representante de Deus na Terra, a Igreja Católica consolidou-se como uma importante instituição espiritual na Idade Média que tinha como principal missão transmitir os ensinamentos divinos à comunidade cristã. Perante uma superioridade espiritual religiosa baseada numa ordem divina que a diferenciava dos demais componentes da sociedade, essa instituição buscava fortalecer o seu poder de influência diante dos medievos, através da explicação dos elementos que caracterizam o mundo no pós-morte.

Como as relações entre os espaços dos vivos e dos mortos não se dissociavam e estavam muito presentes no cotidiano medieval, pensar nos elementos que poderiam existir no Outro Mundo é de fundamental importância para o construto do imaginário do além-túmulo.

Utilizamos o termo *imaginário* de acordo com o significado atribuído por Jean-Claude Schmitt, cuja expressão é entendida como uma realidade coletiva compartilhada pela sociedade que a identifica como parte da sua identidade, conforme explica: “Por imaginário, entendo uma realidade coletiva que consiste em narrativas míticas, em ficções, em imagens, partilhadas pelos atores sociais. Toda sociedade, todo grupo constituído produz um imaginário, sonhos coletivos, garantidores de sua identidade” (SCHMITT, 2007, p. 351).



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Da mesma forma, compartilhamos com a explicação de Jacques Le Goff o qual entende que o imaginário possui aproximações com o simbólico e ideológico (LE GOFF, 1994, p. 11-12).

Neste sentido, as narrativas de viagens imaginárias medievais ao Além se constituem em um exemplo dos discursos eclesiásticos sobre o destino das almas no mundo dos mortos que recebem, segundo os seus méritos ou deméritos, as recompensas no Paraíso e as tribulações no Inferno e Purgatório.

Convém destacar o papel desempenhado pela Igreja Católica na perpetuação da crença da existência de vida para além desse mundo, pois lembrava a comunidade de fiéis que a vida não terminava com a morte física do corpo, mas havia a imortalidade da alma, pois depois de terminada a vida terrena as almas estariam localizadas em lugares específicos no além-túmulo, de acordo com as suas ações neste mundo.

Tomamos como referência neste estudo o manuscrito português intitulado *Visão de Túndalo*, exemplo de narrativa de viagem imaginária ao Além, por tratar-se de um texto que apresenta as intencionalidades eclesiásticas em converter os cristãos através de uma pedagogia religiosa, mostrando as penas e glórias das almas no Além.

A *Visio* foi produzida em 1149 por um monge cisterciense, de origem irlandesa, que se encontrava em Regensburg, no sul da atual Alemanha. Não sabemos quem foi esse monge, apenas que seu primeiro nome era Marcus e que dedicou a obra à abadessa G. (Gisela). A narrativa foi produzida em gaélico ou latim e suas versões mais antigas são nesse último idioma. Da época de sua produção ao século XV houve inúmeras versões tanto em latim como em línguas vernáculas, como a versão portuguesa, utilizada aqui.

O primeiro conjunto de textos está relacionado à versão de Marcus. Outro conjunto refere-se à incorporação da visão imaginária do cavaleiro no *Speculum Historiale*, de Vincent de Beauvais, com várias edições em manuscritos da França e que foi traduzido para o vernáculo por Jean de Vignay no século XIV.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Inserido na obra de Vincent de Beauvais está o relato resumido do percurso de Túndalo, sem o prólogo, no livro 27 ou 28, caps. 88 a 104, intitulado *De Raptu anima Tundali e eius visione* (PONTFARCY, 2010, p. XIII). O *Speculum Historiale* possui um exemplar que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa e alguns autores acreditam na possibilidade de que os textos portugueses sejam inspirados nele (LOPES, 2011, p. 57), mas isso não é conclusivo.

Existem várias versões da *Visão de Túndalo* em espanhol, francês, provençal, gaélico, inglês, português e outras que circularam por toda a Europa, entre os séculos XII e XV. Na tradução portuguesa há duas versões uma no códice 244 e outra no códice 266, ambas produzidas entre o final do século XIV e o início do século XV. Utilizamos aqui a versão do códice 244, proveniente do mosteiro cisterciense de Alcobaça, na tradução de Frei Zacarias de Payopelle, que consideramos ser a mais detalhada das versões portuguesas.

Toda a trama se desenvolve a partir de um personagem principal, o cavaleiro Túndalo, nobre e de boa linhagem que vivia nas “ vaidades do mundo”, ou seja, entregue aos prazeres terrenos e portanto era pecador. Aquele “morre” temporariamente, por um espaço de três dias quando sua alma vai ser conduzida ao Além para conhecer a morada dos eleitos (Paraíso) e o ambiente destinados aos pecadores (Inferno e Purgatório) (ZIERER; PEREIRA, 2010, p. 43-58).

Depois de percorrer os caminhos escarpados, gelados, quentes e frios do Inferno e Purgatório, Túndalo, na companhia do Anjo, chega aos lugares destinados às almas que dedicaram suas vidas às boas obras e seguiram os ensinamentos de Deus: o Paraíso, lugar para onde são encaminhadas as almas dos que foram justos e, portanto merecedoras das glórias celestiais desfrutadas no jardim das delícias.

Neste artigo nos voltaremos especificamente para a experiência desse cavaleiro nos espaços paradisíacos, cujos objetivos se voltam para a pedagogia cristã dos comportamentos morais que elevam as almas às glórias celestiais nos espaços simbólicos dos três Muros Celestiais divididos em Muro de Prata de Ouro e de Pedras Preciosas.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

I. Paraíso celestial: Um espaço simbólico dos eleitos na *Visão de Tíndalo*

Para despertar o desejo pela salvação a Igreja medieval não só apresentava as tentações e castigos que as almas seriam submetidas no Além se os seres humanos faltassem com as ações instituídas pelos ensinamentos de Deus e dela própria, apesar de não negarmos o quanto esses discursos se constituíram em uma lógica eficaz na tentativa de reafirmação de seu poder na Idade Média.

Mas é preciso considerar também que associado às advertências aos pecados mundanos e às faltas para com os mandamentos de Deus, os Pais da Igreja davam o exemplo de modelos de cristãos que praticaram boas obras neste mundo e, portanto, seriam recompensados com as graças no além-túmulo. Assim, se os discursos sobre os hábitos carnis oferecidos pelos prazeres terrenos visavam causar um exame de consciência para se evitar os atos pecaminosos, por outro lado, não se deixou de enfatizar o desejo do bem e da harmonia no pós-morte.

As narrativas de visões do Além, exemplo de viagens imaginárias medievais, nos contemplam com essas questões, pois mostram as características das almas pecadoras e justas que se alocam em lugares específicos do além-túmulo divididos em Inferno, Purgatório e Paraíso. Tais visões se davam através da separação momentânea entre o espírito e o corpo.

De forma geral, a alma é elevada ao plano superior dando início a uma viagem aos espaços do Além-túmulo, sendo submetida a várias experiências no mundo dos mortos. Depois retornava ao corpo, dava o seu testemunho do que viu e ouviu e transmitia assim suas visões aos vivos (ZIERER, 2010, p. 21).

Os relatos de visões remetem-se às tradições pagãs e a do próprio evangelho na Sagrada Escritura, revelando os princípios morais que a Igreja buscava mostrar aos leigos e assim enquadrá-los socialmente, da maneira que lhe convinha para a sua permanência na hierarquia social.

Como exemplo desses relatos, o manuscrito *Visão de Tíndalo* apresenta a ambientação do lugar que recebem as almas pecadoras, o Inferno e



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Purgatório, e o lugar das almas consideradas justas por levarem uma vida terrena baseada nos dogmas da Igreja e nos ensinamentos de Deus: o Paraíso celestial, morada dos bem aventurados. Como já dissemos, nesse texto abordaremos os discursos sobre a estruturação do espaço paradisíaco e as características simbólicas das almas que se elevam a esse lugar na *Visão de Túndalo*.

O cavaleiro Túndalo, depois de ter passado por várias experiências nos lugares infernais e do Purgatório, verá as recompensas que recebem os bons no Além. Chegando ao Paraíso ele vê as almas que praticaram boas ações cristãs, enquanto viviam no corpo, receberem as glórias do santo Paraíso. Conforme o relato: “Daqui em deante fala dos beens e galardooens. Que uio *receber aos boons na gloria do paraysó*” (VT, 1895, p. 111). (grifos nossos).

Composto por elementos que transmitem claridade, luz e odores, representados pelos campos verdes, as flores que exalam cheiros agradáveis e sons e cantos de louvores ao Senhor, o espaço paradisíaco mostra os contrastes dos lugares reservados às punições dos danados e às glórias do mundo dos mortos.

É importante destacar que de imediato Túndalo não se encontra ainda no espaço do Paraíso, pois antes observará que algumas almas não estão desfrutando ainda das glórias celestiais. E portanto ainda não são merecedoras de se alojarem naquele local.

De fato, isso fica bem claro quando são apontados os elementos que constituem o espaço do pré-Paraíso. Como exemplo, observamos que a primeira visão que o cavaleiro vê naquele lugar é uma grande companhia de homens e mulheres que sofrem grandes tormentos, fome e sede, mas vivem na claridade sem os odores fétidos do Inferno, como exemplificado no relato:

uiron gram companhia de homeens e de molheres que *sofriam gram tormenta e muy coyta de muy gram uento* e de muy grande água. E estauan muy tristes e muy coitados em sofrendo fame e sede. *Empero auian lume e claridade e non sentian nenbuun maaó fedor* (VT, 1895, p. 112). (grifos nossos)

A princípio essa citação nos causa certo estranhamento por estarmos nos referindo a um espaço que necessariamente não deveria haver nenhum tipo de sofrimento. Mas veremos que este lugar ainda não é o Paraíso, pois se trata de



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

mais uma construção ideológica da Igreja em imaginar um espaço que antecede o Paraíso que seja diferentemente do Inferno e do Purgatório.

Vários autores pensaram nas possibilidades da construção desse espaço. E veremos como o relato explica a existência desse lugar. Jacques Le Goff escreve sobre uma espera num lugar particular para os futuros eleitos, destacando a imaginação cristã dos lugares de repouso como o *refrigerium* e o “seio de Abraão”. Ainda nos revelam que nesses lugares havia a ausência de castigos como aplicados no Inferno, portanto as almas só estariam privadas da maior felicidade que gozam no Paraíso os eleitos definitivos (ver LE GOFF, 2002, p. 25). Já Georges Duby nos diz que “os bons serão separados dos maus e a imensa multidão dos ressuscitados repartida em penas eternas. Enquanto esperam este último dia, os defuntos repousam num lugar de refrigério e de calma, dormem o sono da paz.” (DUBY, 1993, p. 238).

Através de indagação ao anjo, Túndalo pergunta quem são estes que desfrutam desse ambiente, o anjo lhe responde que esse espaço é destinado às almas que não foram muito más, pois mesmo vivendo honestamente não dividiram seus bens com os pobres e mereciam passar pelo sofrimento para depois alcançar a paz eterna.

Continuando a caminhada pelo pré-Paraíso, encontraram paisagens de campos muito verdes e formosos com rosas que exalavam bons odores, onde só havia claridade, pois a noite não existia nesse lugar; somente o sol iluminava esse ambiente. Para Jean Delumeau, “é impossível evocar o paraíso sem lhe reconstituir as cores, mas também antes de tudo, a maravilhosa luz”. (DELUMEAU, 2003, p. 148).

A fonte da vida também é mencionada no relato que nas palavras do anjo “quem dela beber a água, viverá para sempre e nunca mais terá sede. Essa morada pertencia às almas não muito boas que se livraram e foram tiradas das penas do Inferno, portanto ainda não podem desfrutar da companhia dos santos.” (VT, 1895, p. 112).

Assim, no pré-Paraíso estão alocadas as almas que não foram nem totalmente más e nem totalmente boas, por isso ainda não merecem estar desfrutando da paz eterna no Paraíso propriamente dito.



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Essa menção de almas que sofrem no pré-paraíso devido à falta de cumprimento de alguns deveres cristãos “dizem respeito a três categorias de pecadores pessoais entre os quais há uma hierarquia de responsabilidade e de destino: os maus [...] os bons [...] os não inteiramente maus [...] os não inteiramente bons [...]” (LE GOFF, 1993, p. 263), divisão baseada no pensamento de Santo Agostinho.

As almas que possuíam essas características citadas acima não mereciam viver na felicidade eterna por não estarem ainda livre de todos os seus pecados. Entendemos assim porque o próprio relato menciona que essas almas foram retiradas do Inferno, além também de outras que ainda padecem algumas provações.

Mas de qualquer modo, como fica claro na *narrativa*, as almas tem um momento de sofrimento e outro momento gozam de felicidades, que por ora era interrompida para que sofram por alguns instantes pelas suas faltas.

Túndalo vê um Rei de nome Comarço que passa por esses momentos de felicidade e padecimento por ter cometido dois pecados que, segundo o relato, são imperdoáveis: o adultério e o assassinato diante do altar. Assim nos informa a *Visão*:

E viu o Rey star metudo en huun fogo ataa o embygo. E des o embygo pera cima. Vestido dhuun cilicio muy aspero [...] E a alma lhe disse. Senhor rogote que me digas por qual razom he esta alma assi julgada que estas penas padece [...] *Este fogo que tu uees en que metudo ataa o embygo he por que non guardou. Mais quebrantou o juramento e sacramento do casamento hydimo de dereito. E o cilicio que ueste deso embygo pera cima padece por que mandou matar huun conde ante o altar de san patricio. E por que quebrantou e transpassou o dereito e a reuerencia que deuera de guardar aa sancta egreia. E sabe de certo. Que todos outros peccados lhe son perdoadossenon estes dous tan solamente [...]* (VT, 1895, p. 114) (grifos nossos).

Portanto, a mensagem transmitida nesse caso permite entender que não há possibilidade de redenção para as pessoas que praticam o adultério e os mandantes de assassinatos, dois atos considerados pecados gravíssimos e passíveis de punição como aconteceu com aquele rei.

Jean Delumeau resume a passagem de Túndalo nesse espaço que denominamos de pré-Paraíso como lugares piedosos onde as almas são felizes



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

mas não completamente, além de identificar como um lugar de espera dos salvos:

Tnugdál vê primeiro e à saciedade as moradas infernais, depois penetra em *lugares mais clementes* e entra em uma zona onde permanecem almas, “não inteiramente más”, que escaparam à noite e ao fedor do inferno, mas sofrendo ainda a agressão da chuva e do vento. Passada uma porta, eis agora um campo de aspecto agradável onde corre uma fonte. Ali *as almas são globalmente felizes, mas não ainda completamente*. Trata-se portanto, do clássico *lugar de espera dos salvos*. (DELUMEAU, 2003, p. 82) (grifos nossos)

Em comparação com outras visões do Além, aquele autor escreve que a *Visão de Túndalo* evoca mais demoradamente que muitas outras, as felicidades do Além (DELUMEAU, 2003, p. 82). De certo modo, em comparação com outras narrativas sobre o Além, a *Visão de Túndalo*, aqui analisada, apresenta descrições mais detalhadas do Paraíso.

Vale lembrar que num primeiro momento, principalmente a partir do Ano Mil, o espaço do Paraíso não foi tão evocado nos discursos eclesiásticos durante a Idade Média, já que o interesse ideológico era mostrar mais a atmosfera infernal para alcançar os seus objetivos, ou seja, de impressionar os ouvintes e conseqüentemente, através disso, justificar o comportamento indicado por eles para se atingir a salvação.

Na *Visão de Túndalo* trabalhamos com essa idéia, pois percebemos que o Paraíso mesmo sendo detalhado, ainda assim, não ocupa na *narrativa* uma descrição tão impactante quanto a do Inferno. Mas de qualquer forma é um espaço que pretende oferecer aos ouvintes os bens destinados as pessoas que tiveram “boa conduta” na terra e que após a morte serão contemplados com a salvação eterna.

A construção desse “lugar de espera” que antecede o Paraíso propriamente dito é um caminho de relativo bem estar das almas que mesmo não estando totalmente purificadas dos seus pecados permanecem recebendo um tratamento mais suave do que as punições e castigos no Inferno.

Dando continuidade ao percurso no pré-Paraíso, Túndalo, na companhia do anjo, vai descrevendo todos os elementos que constituem esse lugar. Assim como foram desenvolvidas várias imagens na arte sobre o Inferno, também as imagens sobre o pré-Paraíso e Paraíso foram muito divulgadas por artistas,



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

principalmente no século XV, como um reforço do imaginário paradisíaco com paisagens idílicas concebidas como um jardim onde as almas dos justos repousam e gozam da felicidade eterna.

Utilizamos mais uma vez aqui alguns teóricos que são fundamentais para compreendermos o significado das imagens religiosas medievais assim como suas finalidades imprescindíveis para alcançar o público iletrado. A obra de arte preenche uma função religiosa (DUBY, 1993, p. 220). Cabe ressaltar que a Bíblia foi o instrumento que sempre esteve associado a outros textos produzidos na Idade Média assim como inspirou também as produções de imagem. Lembrando que os clérigos se constituíam em uma minoria nessa sociedade que tinha o privilégio no acesso a esse livro Sagrado, pois

Dominar a técnica da escrita e, mais ainda, aceder à inteligência das letras supunham uma longa educação, num meio exclusivamente clerical. Nas representações que tinham de si mesmos, os homens da Igreja (*oratores*) associavam mais ou menos tacitamente seu estatuto dominante na sociedade à função superior da alma, à faculdade do conhecimento racional (*ratio, mens, intellectus*) pelo qual o homem participa mais intimamente da divindade. (SCHMITT, 2007, p. 92).

É claro que aqui não pretendemos evocar as imagens ou precisamente as pinturas como mera ilustração do real. Sabemos de todas as implicações sedutoras que as imagens podem nos oferecer. É preciso analisar além dos contextos de produção, a época que o autor viveu, por quem foi encomendada entre outros aspectos.

O enfoque que pretendemos dar é na análise de como as descrições das visões que constituem o espaço do Paraíso eram representadas também nas pinturas do século XV, bem como o construto da imagem mental no mundo cristão para compararmos com a *Visão de Tíndalo*.

Jean-Claude Schmitt (2007, p. 165-293), explica que devemos compreender a imagem medieval em todo o seu campo semântico. Chama a atenção para a produção de essas imagens serem articuladas imaginariamente num espaço bem real que revelam todo um pano de fundo celestial da imagem material. E ainda, que a *imago* medieval torna presente um imaginário que é ao mesmo tempo histórico e celeste. Enquanto aquele contribui para o ensinamento da história sacra este mostra as pessoas que são invisíveis embora consideradas onipresentes e ternamente vivas.



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

As imagens desempenham um papel importante na experiência do sagrado:

Em muitas religiões, as imagens desempenham um papel crucial na criação da experiência do sagrado. Elas expressam e formam (e assim também documentam) as diferentes visões do sobrenatural, assumidas em diferentes culturas e épocas; visões de deuses e demônios, santos e pecadores, céus e infernos (BURKE, 2004, p. 57).

As ideias de que as pinturas da Igreja serviam como a *Bíblia* dos analfabetos vem sendo bastante criticada, por não serem de tão fácil decodificação para as pessoas comuns. De qualquer forma, tanto a iconografia quanto as doutrinas que ela ilustrava poderiam ter sido explicadas oralmente pelos clérigos. A imagem acaba agindo como uma lembrança da mensagem falada pelos clérigos.

Na Idade Média, a imagem não é simplesmente uma representação, mas ultrapassa esse limite, principalmente em meados do século XIII, onde a funcionalidade das imagens têm uma importância fundamental na religião medieval. Pois começa a fazer parte de uma via eficaz para o uso da Igreja.

Assim “as imagens desempenham papéis cada vez mais consideráveis no mundo medieval, tanto nas relações entre os homens quanto nos laços e trocas que os homens realizam com as forças sobrenaturais sendo que a própria norma clerical reconhece que a imagem é um dos meios que permite a elevação até Deus” (BASCHET, 1996).

E também ressalta que a revolução das imagens, iniciadas a partir do século XI, não se limita somente a sua expansão quantitativa. Ela lhe confere uma potência eficaz aumentada, para além do que sugere a tríade das justificações clericais da imagem (instruir, lembrar, emocionar) (BASCHET, 2006, p. 500).

É neste sentido que apresentamos nas páginas seguintes imagens que representam o imaginário tanto do pré-Paraíso quanto do Paraíso. Por sua vez, Baschet explica que as representações do jardim paradisíaco mostram os eleitos em um lugar verdejante e luminoso, que exprime conforto e alegria, simbolizando o desabrochar fecundo da vida eterna.

Esse espaço faz pensar em uma sociedade celeste igualitária, em que as distinções terrestres são ultrapassadas em benefício de uma fraternidade espiritual que unifica os eleitos, para uma corte em que a beatitude comum não exclui nem a referência a modelos políticos, nem a legitimação das hierarquias e dos estatutos terrestres (BASCHET, 2007, p. 402 -403).

Imagem 1



Fra Angélico. Detalhe de *O Juízo Final* (1432-1435). Museu de S. Marcos, Florença. In: <http://www.wga.hu/frames-e.html?/html/a/angelico/index.html> (Last Judgement, detail). Acesso em 10/03/2013. Vemos as figuras dos anjos e santos que estão de mãos dadas, formando um círculo, e, bem ao fundo, ou seja, do lado esquerdo, percebemos as figuras de duas almas que se dirigem para a porta de entrada do Reino Celestial.



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Outro detalhe é a paisagem arborizada com flores e o ambiente de luz e paz. Enfim, essa pintura transmite uma idéia de uma natureza abençoada com claridade, campos verdes, elementos que também são similares a primeira visão de Túndalo ao chegar no espaço do pré-Paraíso.

A imagem 1 mostra o detalhe de *O Juízo Final*, de Fra Angélico. Através desta imagem percebemos a similaridade com as descrições do pré-Paraíso apresentadas na *Visão de Túndalo* antes de chegar ao Paraíso propriamente dito.

Nos primeiros séculos da era cristã, a evocação da felicidade em uma natureza abençoada remetia no mais das vezes ao paraíso perdido por Adão e Eva ou a um novo jardim do Éden habitado pelos justos à espera da ressurreição. Segundo a concepção do paraíso então mais desenvolvida, este “designa” o lugar onde as almas dos justos esperam a ressurreição escatológica. (DELUMEAU, 2003, p. 122).

Observamos também na figura flores que se apresentam com cores vermelhas e brancas nessa campina paradisíaca. De modo “bastante geral, mas sem que se tenha tratado de regra estrita, as flores brancas remetiam à pureza, as vermelhas à caridade e ao amor, o azul à promessa do céu” (DELUMEAU, 2003, p. 147).

Já Baschet afirma que: “De maneira mais imagética, a representação do jardim paradisíaco mostra os eleitos em um lugar verdejante e luminoso, que exprime conforto e alegria, simbolizando o desabrochar fecundo da vida eterna.” (BASCHET, 2006, p. 402), tal como também podemos observar na imagem 1.

II. Do Pré-Paraíso aos Muros Celestiais

Após a passagem pelo pré-Paraíso Túndalo e o anjo seguem caminhando para o espaço onde de fato estão realmente as almas eleitas: o Paraíso.

Composto de paisagens idílicas, este lugar é constituído por três lugares rodeados de muralhas, destinados ao mérito de cada eleito, para estar nos Muros do santo Paraíso que estão divididos em: Muro de Prata, de Ouro e de Pedras Preciosas, onde as almas desfrutariam das delícias e felicidades oferecidas nesses ambientes.



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

No quadro a seguir (Quadro 1), apresentamos as almas merecedoras de estar nos três Muros Celestiais, segundo a *Visão de Túndalo*:

Quadro 1: Os Três Muros Celestiais do Paraíso na *Visão de Túndalo*

MUROS	ALMAS ELEITAS
PRATA	Os castos no casamento, as almas que repartiram os seus bens com os pobres.
OURO	Os monges e monjas, os “construtores” da Igreja.
PEDRAS PRECIOSAS	As nove ordens dos anjos, os Profetas da Bíblia, os Apóstolos de Jesus, os virgens e as virgens.

O que podemos observar no Quadro 1 são as almas dos eleitos que se encontram ordenadas em suas respectivas muralhas de acordo com o tipo de boas ações que praticaram enquanto suas almas viviam no corpo. Isso fica claro nas indagações que Túndalo faz ao ente celestial, quando vai visitando esses locais no Paraíso.

Perguntando as quais almas são dadas essas “folguras”, que obras fizeram na terra, Túndalo ouvia sempre como resposta os atos de caridade e boas ações realizadas pelas almas eleitas. Como por exemplo, nessa passagem da narrativa onde o anjo explica a ele que no Muro de Prata se encontravam as almas dos que não cometeram adultério e dividiram os seus bens com os pobres:

E o anjo lhe disse esta folgança He dada aos casados e a todos aqueles que non britaron nen tráspassaron a orden do casamento dereito. Per peccado de adultério e aaquelles que todas suas companhas bem castigaron e os seus beens temporaes partiron com os pobres e a romeus e aas egrias de deus. (VT, 1895, p.115).

Ao longo do século XII, uma das preocupações da Igreja foi a institucionalização cristã do casamento como meio de disciplinar a sexualidade. Assim nesse século, “pôde, com dificuldade, completar a definição da única modalidade aceitável da vida sexual cristã – o matrimônio, tornando um dos sacramentos.” (FRANCO JÚNIOR, 2004, p. 127).

A Igreja propõe uma moral da boa vida conjugal tentando retirar da união matrimonial a mácula inerente ao prazer carnal. E os eclesiásticos trabalham



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

no sentido de “amansar” os procedimentos conclusivos da união matrimonial no momento em que o horror do carnal os leva a enfatizar o compromisso das almas. Enfim propõem um modelo de vida cristã para uso dos *conjugati* [cônjuges] (DUBY, 1989, p. 18-19).

Na *Visão de Túndalo* só os bem casados no sentido de não cometerem adultério e de seguirem os mandamentos matrimoniais, conforme indicado pela Igreja, poderiam ter suas almas elevadas ao Muro de Prata no Paraíso.

São apresentados também os detalhes desse Muro: muito formoso e luzente onde se encontravam também uma grande companhia de santos que estavam alegres e contentes que louvavam a Santa Trindade dia e noite, conforme a fonte:

Aquel muro era todo de prata muy fermoso e muy luzente. E a alma non achaua em El porta nenhuma per hu entrasse. [...] e uiu huma gran conpanha de sanctos que se alegrauam muyto com deus e dizian louuor seia a ti deus padre. Louuor a ti filho louuor a ti spiritu sancto. [...] perseuerando sempre no louuor da sancta trindade dia e noite [...]. (VT, 1895, p. 114).

Observando toda essa beleza e folgança das almas que foram puras no casamento, Túndalo pede ao anjo que o deixe nesse lugar. Mas o ente celestial lhe diz que ainda verá melhores prazeres e bens que este.

Assim foram adiante e avistaram o segundo Muro, o de Ouro, que deixou o cavaleiro mais maravilhado ao ver a nobreza dessa muralha. Encontrando-se já dentro desse espaço viram muitas sedas, homens e mulheres com rostos claros como o sol, cabelos tão claros que não podia ser outra coisa a não ser ouro (VT, 1895, p. 115).

Essa morada pertencia aos mártires de Deus que se guardaram dos prazeres do mundo e dedicaram suas vidas a Deus. Portanto, os monges e monjas e construtores da Igreja, como o próprio relato menciona, são os habitantes desse lugar.

Todos tinham na cabeça coroas de ouro como símbolo de merecimento por levarem uma vida santa, honesta, que estava estritamente ligada às condutas pregadas pela Igreja, ou seja, uma vida dedicada a Deus.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

E assim o anjo responde ao cavaleiro sobre as almas que vê e desfrutam no Muro de Ouro:

Estes son os martires de deus que por sua firme e verdadeyra creença trabalharon e affnaron os seus corpos e lauaron aas suas vestiduras no sangue do cordeyro. Esto He deus que He dicto cordeyro estes son os que sofreron e se abateueron e guardaron dos sabores e plazerres do que em este mundo uiueron. E deshy fezeron toda sua uida muy sancta e muy limpa e muy honesta uiuendo e persuerando em seruiço de deus. Passando pólo seu amor marteyros e coitas e tribulaçoens. Trabalhando eles meesmos. E tolbendo os seus corpos plazerres e uiços e sabores. E por mereceron coroas durauys por sempre. Dise enton o angeo. Estes son os sanctos seruos de deus que son feytos seus amigos (VT, 1895, p. 116) (grifos nossos).

Nessa citação ficam claras as ações comportamentais que estas almas fizeram no plano terreno para merecerem esses bens no santo Paraíso através dos martírios, tribulações e de suas vidas voltadas ao fortalecimento da fé católica. Outro detalhe é a presença da música que é recorrente nesse ambiente. “O paraíso é canto e música, pois os eleitos não cessam de louvar o Deus que contemplam. Ora, louvor e música são sinônimos.” (DELUMEAU, 2003, p. 215).

Assim Túndalo ouve cantos, com vozes suaves, sons alegres que saíam de vários instrumentos de cordas e órgãos. Jean Delumeau resume bem os cantares e louvores que aquele personagem escuta:

Quanto a Tnúgdal, encontra a felicidade dos cantos e dos sons em várias etapas de seu percurso no país da alegria eterna. Os mártires e os castos, relata ele, “cantavam ‘Aleluia’ com um cântico tão novo e uma melodia tão doce que a alma que ouvisse suas vozes uma única vez esqueceria todo o passado”. Chegando em seguida diante dos pavilhões de seda, ouro e prata reservados aos monges e monjas, o visitante do Além escuta, [...] instrumentos de cordas e órgãos, tamborins e cítaras[...] emitindo juntas sons mais suaves. (DELUMEAU, 2003, p. 217).

Além disso, o personagem vê uma árvore bem peculiar que estava carregada de frutos. Nos seus ramos moravam e estavam sempre muitas aves de várias cores que cantavam com vozes doces. Nela não moravam apenas as aves mais também homens e mulheres que também possuíam coroas de ouro na cabeça (VT, 1985, p. 117-118).



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

E esta árvore simboliza as obras da santa Igreja. Pois os homens e mulheres que ali moravam foram os defensores dela e trabalharam para construí-la e cumpriram com os seus deveres de resguardar-se dos desejos da carne. Como explica o anjo à alma:

[...] E o anjo lhe disse. Esta aruor que tu vees He maneyra e obra da sancta egreia. Estes homeens e estas molheres que moran so Ella foron defensores e fazedores della e trabalharon muito de a fazer e de a defender. E pólos beens que eeles hi fezeron guaanharon e mereceron de seer aqui chegados e aconpanhados. E por esta maneyra tal desempararon a uida e o sabor do mundo e guardaronse de conprir os deseios da carne que lida cada dia contra a alma linpamente e dereitamente e piedosamente uiuendo no mundo (VT, 1895, p. 118).

Mais uma vez observamos o caráter didático que a citação acima oferece aos ouvintes desse relato, pois aqueles que serviram a Igreja e se apresentaram como defensores da fé cristã teriam como recompensa após a morte essa habitação do bem, onde nenhum mal poderia alcançá-los. Essa é a ideia que nos permite pensar partindo dessa citação.

Depois da passagem pelos muros de Prata e de Ouro, finalmente Túndalo chega com o anjo no lugar para onde são transportadas as almas que foram realmente “perfeitas”, ou seja, perfeitas no sentido de puros por não terem se envolvidos nas tentações da carne.

Esse lugar fica no Muro de Pedras Preciosas, considerado o melhor, pois todas as suas características são extraordinárias, superando todos os prazeres e glórias já vistos, ou seja, em tudo, em relação aos muros anteriores. Conforme é evocado na Visão:

[...] uiron um muro muy alto que de formosura e de claridade uencia e passaua per todas os outros que ia dissemos. Era muy fermoso e fecto todo de pedras preciosas e de metaaes mesturados de colores de muitas guisas. Assi que o fundamento dele era todo fecto de ouro puro. (VT, 1895, p.118).

Túndalo ficou maravilhado com tamanha beleza. Principalmente quando sobe em cima desse muro, olha e ouve as nove ordens dos anjos que estão divididos em: Anjos, Arcanjo, Virtudes, Principados, Potestades, Dominações, Tronos, Querubins e Serafins (VT, 1895, p. 115).



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Essa “classificação dos nove coros celestes ultrapassou, em todo caso, o círculo dos teóricos, difundindo-se amplamente na iconografia catequética, nos escritos dos visionários e na literatura” (DELUMEAU, 2003, p. 40).

O anjo é uma figura que visa representar a vigilância terrestre e que são reveladores da tonalidade do sentimento religioso da sociedade. E ainda destaca que o anjo-guia ganha importância em razão da insistência da pastoral sobre a salvação pessoal. Sendo o anjo Miguel como modelo de guardião e guia da alma e o arcanjo Rafael promovido ao patrono dos viajantes no século XV (FAURE, 2002, p. 69-80).

“A Igreja restabelecia, assim, uma hierarquia espiritual no caminho do Além celestial. Ademais, a evocação dos anjos lembra que, segundo a concepção hierárquica do Pseudo-Dionísio, mesmo entre os anjos e os arcanjos, modelos da sociedade terrestre, há uma hierarquia.” (LE GOFF, 2002, p. 29).

Delumeau (2003, p. 39) entende que a hierarquia celeste é essencial para a compreensão do paraíso cristão. Destacando que vários teólogos entre os quais a Hierarquia Celeste atribuída a Dionísio, o Areopagita, discípulo de São Paulo, dividiu a corte celeste em nove coros e os repartiu em três hierarquias superpostas, situando o primeiro coro na vizinhança imediata a Deus:

A primeira hierarquia compreende os “serafins”, espírito de fogo e de amor, os “querubins” plenos de ciência divina e os “tronos”, também eles estabelecidos no patamar mais elevado do céu. A segunda é composta das “dominações”, que estão constantemente a serviço de Deus e ordens inferiores, e das “potestades”, que prestam aos outros sua ajuda benévola. Enfim, a terceira hierarquia inclui os “principados”, os “arcanjos” e os “anjos”, estes últimos em contato direto com os humanos. (DELUMEAU, 2003, p. 40).

Na companhia desses anjos, como já mencionado no quadro acima, estão as virgens e os virgens que também “vivem” nessa morada. Por guardarem seus corpos da luxúria mesmo sofrendo as tentações que o mundo terreno oferece, no dizer da Igreja, não deixaram de cumprir suas vontades de se manterem puros evitando assim o prazer carnal.

No manuscrito é bem claro que somente as almas que já estão salvas podem permanecer nesse muro, como responde o anjo quando Túndalo não quer sair desse lugar: “Nessa folgança non merece de entrar nenhum saluo...” (VT, 1895, p. 120).



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Como o cavaleiro ainda era pecador, pois estava passando pelas experiências das felicidades que ainda não podia desfrutar, sua permanência nesse espaço não tinha como ser permitida.

Era preciso ter as virtudes de um bom cristão para após a morte merecer tamanho deleitamento nesse muro do santo Paraíso. Aliás, Jacques Le Goff define bem esse lugar:

O Paraíso é um lugar de paz e alegria, desfrutadas pelos eleitos através de seus principais sentidos: flores e luz para os olhos, cânticos para os ouvidos, odores suaves para o nariz, gostos de frutos deliciosos [...]. Algumas vezes, o Paraíso é circundado de altos muros de pedras preciosas [...] cada espaço mais luminoso, mais perfumado, mais saboroso, mais harmonioso [...]. (LE GOFF, 2002, p. 28).

“O Paraíso faz pensar em uma sociedade perfeita, na qual os eleitos participam da comunidade da Igreja celeste, ao mesmo tempo companhia dos anjos e assembleia dos santos e de todos os justos.” (BASCHET, 2007, p. 401). Essa é exatamente a ideia que o relato nos permite deduzir no espaço do Paraíso. Volta e meia é apontada a presença de santos, anjos que fazem companhia as almas que realmente viveram uma vida santa.

Túndalo viu vários membros da Igreja no muro de Pedras preciosas, inclusive alguns ele conhecia, como os arcebispos Celeste, Malaquias, Arthinateno e Menias, quer por sinal eram irlandeses como o autor anônimo da *visio*.

[...] e uio star san patrício arcebispo que foy de ybernia. Com gram conpanha de bispos entre os quaes uio quatro que conhocia. S. O arcebispo artinatheno. E malachias que foy arcebispo despos elle que Innocencio papa. Veeo de Roma per mandado del por delegado e por arcebispo de toda ybernia [...]. (VT,1985, p. 119).

Alguns membros da Igreja não poderiam deixar de estar nesse lugar reservados aos eleitos, além de muitos se encontrarem num outro lugar privilegiado, o Muro de Ouro. Já que ideologicamente eram eles que tinham a capacidade de contato com o plano divino, além de serem os representantes na terra em levar as palavras sagradas que encaminhavam à salvação.

Mas nem todos os habitantes do Paraíso conheciam igualmente os espaços verdejantes e luminosos dessa morada. A cada alma é atribuído um lugar de



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

acordo com os graus de glórias, pois a Igreja Católica em seu discurso deixa bem clara essa divisão em função dos méritos de cada um, como por exemplo, nessa menção aos vários muros sucessivos.

Essas divisões do Paraíso citadas acima mostram que existem diferentes moradas no Reino Celestial. Jean Delumeau nos mostra como que a Igreja explicava essa divisão do Paraíso em três Muros celestiais: “Todos os habitantes do paraíso gozam ali de felicidades iguais? A resposta oficial da Igreja Católica foi que existem graus de Glória, portanto, de beatitude, em função dos méritos de cada um” (DELUMEAU, 2003, p. 201).

Destacamos aqui algumas características desses três muros citados no relato, e que são importantes para percebermos os elementos que constituem o imaginário paradisíaco. Resumidamente temos a seguir as particularidades de cada um dos Muros Celestiais:

Quadro 2: As características dos três Muros Celestiais

MUROS	PRATA	OURO	PEDRAS PRECIOSAS
CARACTERÍSTICAS COMUNS AOS TRÊS MUROS	Claridade, alegria, beleza e santidade, bom odor e canto.		
ELEMENTOS DIFERENCIADORES		Sedas, livros, escritos todos de ouro, iluminação intensificada parecida com o sol; tudo tão claro como o sol; praça cheia de muitas tendas; Árvores com frutos que representam a Santa Igreja Católica.	Pedras e metais de várias cores. Superando todas as características dos muros anteriores.

É importante frisar que as características do Muro de Prata também estão presentes nos dois muros posteriores, pois são elementos que são mencionados com mais intensidade e maravilhamento a cada passagem de um muro para outro. Mas o que realmente supera em tudo, ou seja, em relação às descrições dos muros de Prata e Ouro, tanto na beleza como na claridade, é o muro de Pedras Preciosas. Nele é realçada a grandeza de suas características,

daí os vários adjetivos eloquentes quando Túndalo e o anjo chegam a esse espaço, considerado o melhor lugar do Paraíso.

Nele só estarão às almas que estão em um nível de “grau de perfeição”, ou seja, revestidos de uma espiritualidade digna desse lugar e, portanto não terem cedido as tentações da carne e de todos os prazeres oferecidas na vida terrena. E assim vimos que eleitos que habitam nesse muro são: As nove ordens dos anjos, os Profetas da Bíblia, os Apóstolos de Jesus, os virgens e as virgens. São almas, que de acordo com a Igreja, possuem as virtudes de um bom cristão. E certamente são os modelos comportamentais que ela em seus discursos oferece à população medieval como deve seguir para que após a morte suas almas estivessem à altura de receberem boas recompensas no Além celestial.

A imagem a seguir representa o Muro de Prata onde se encontram as almas dos castos no casamento como já mencionado anteriormente.

De acordo com o códice 244, da versão portuguesa:

Todos aquellos *homeens e molheres que esto diziam eran uestidos de uestiduras brancas muy formosas* [...]. *Eran senpre legres e ledos e aguçosos* [...] e as *uestiduras* que ia dixe eram tan claras e tan *formosas e assi aluas* como a neue quando o sol da em ela [...] (VT, 1895, p. 114) (grifos nossos).

Um detalhe a observar na imagem 2 é a presença do cavaleiro nu. Isso ocorre pelo fato de ainda ser pecador e, portanto mesmo no Paraíso ainda está passando por um processo de remissão de seus pecados. Lembremos que está nesse espaço só de passagem. Sua alma retornará ao corpo depois de ver os três espaços do Além.

Outro fato interessante está nas várias passagens do Paraíso na *Visão de Túndalo* que se assemelham ao *Apocalipse* do Apóstolo João. Assim como o nosso personagem, aquele viu e ouviu várias revelações. “É preciso lembrar que o cristianismo medieval buscou na *Bíblia* constantemente referências, explicações para as realidades de seu tempo.” (LE GOFF, 2008, p. 120).

Imagem 2



Simon Marmion. *Túndalo e o Anjo com os fiéis no casamento. Tondal Vision* (C. 1475). Paul Getty Museum, Los Angeles. Disponível em: http://hope.simons-rock.edu/~bad/heaven_hell/heaven/tondal.html. Acesso em 10/03/2013. Nesta imagem observamos bem ao fundo o Muro de Prata. Túndalo, na companhia do seu anjo-guia, vê homens e mulheres com vestiduras brancas e muito formosas, com expressões de alegria, beleza e santidade, como relatados na *narrativa*.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Algumas expressões que são citadas nas revelações do *Apocalipse* também estão presentes no manuscrito. Especialmente o Juízo Final, capítulos 21 e 22, onde há menção a nova Jerusalém com seus muros adornados de pedras preciosas em similaridade com os muros na *Visão de Túndalo*.

Assim o material que era feito o muro de Pedras preciosas visto no Paraíso pelo cavaleiro é semelhante a do Apocalipse de João. Na *Visão de Túndalo* era assim:

[...] E as pedras de que era fecto son estas. Cristal. Crisolitus. Berilus. Jaspe. Jagonça. Smaragada. Çafira. Onichina. Topazio Sardia Crisoprasa Amestica Careata. E granata. Destas pedras e de outras muytas semelhantes era fecto este muro (VT, 1895, p.118).

Já no *Apocalipse de João* os muros da cidade da nova Jerusalém

estava adornado de toda a pedra preciosa. O primeiro fundamento era de jaspe; o segundo, safira, o terceiro, calcedônia; o quarto, esmeralda; o quinto, sadônico; o sexto, sárdio; o sétimo, crisólito; o oitavo, berilo; o nono, topázio; o décimo, crisopraso; o undécimo, jacinto; o duodécimo, ametista (Ap, 21, 19-20).

Para Jean-Claude Schmitt (2007, p. 291) “essas pedras têm valor escatológico, pois, são elas, segundo o *Apocalipse*, que se encontram espalhadas nos muros de Jerusalém Celeste. Elas são a promessa de uma beatitude eterna e faustosa.”

Enfim, já escrevia Jean Delumeau: “O Apocalipse constitui outro reservatório de temas paradisíacos” (DELUMEAU, 2003, p. 34). Vejamos no quadro a seguir outras expressões que são parecidas na *Visão de Túndalo* e no *Apocalipse* de João:

Quadro 3: Visão de Túndalo e Apocalipse de João

VISÃO DE TÚNDALO	APOCALIPSE
“No Paraíso, temos o detalhe das vestimentas das almas que são brancas; no muro de Ouro os monges têm em suas cabeças coroas de ouro” (VT, 1895, p. 115-116).	Vi assentados sobre o trono vinte e quatro anciões vestidos de <i>vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro</i> (Ap 4,4).



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

“Os mártires de Deus preservaram seus corpos e lavaram as suas vestiduras no sangue do cordeiro” (VT, 1895, p. 116).	E ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação e <i>lavaram os seus vestidos</i> e os <i>branquearam no sangue do cordeiro</i> (Ap 7, 14).
“Viram e ouviram as vozes palavras muito maravilhosas das nove ordens dos anjos” (VT, 1895, p. 118).	E olhei e ouvi a voz de muitos anjos [...] (Ap 5, 11).

Alguns detalhes da *Visão de Túndalo* são bem semelhantes à visão de João. Não é à toa que poderemos dizer que provavelmente a *visio* foi inspirada nesse relato bíblico, pois na Idade Média era comum as produções literárias serem baseadas nas escrituras sagradas.

Após ver as glórias do Paraíso, Túndalo retorna ao seu corpo para contar a todos o que viu e “trabalhar” para que sua alma quando voltar ao Além permaneça no Paraíso. Essa advertência é dada pelo anjo a Túndalo quando ele mais uma vez deseja ficar naquele lugar: “E o angeo lhe disse a teu corpo te hás de tornar e todas as cousas que uiste demonstrarlas as a todos os homeens a que o demonstrar e contar poderes pó que façan prol de suas almas” (VT, 1895, p. 119).

Outra passagem interessante que percebemos, que ao findar da *narrativa* a pessoa que a escreveu, no caso o Frey Marcos deixa bem claro que tudo que foi relatado aconteceu realmente, pois o próprio foi testemunha. E assim ele escreve:

Eu frey marcos que esto screuy son testemunha de esto todo. Ca eu vi com meus olhos o homen a que esto aconteceo e que me contou todo assi como ia ouuiste e assi como o El contou a my assi trabalhey eu de o screuer e de o contar o melhor que eu pudy. (VT, 1985, p. 120).

“Buscando atestar a veracidade da *Visão de Túndalo*, o redator afirma ter ouvido o relato do próprio Túndalo” (ZIERER, 2007, p. 305). Da mesma forma, no *Apocalipse* (21, 8), o apóstolo João também deixa escrito que viu e ouviu as revelações que lhe foram feitas pelo anjo: “E eu João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas” (Ap, 22, 8).



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Além desses detalhes, a narrativa não deixa de explorar as ações que as almas praticam nesse lugar, como já mencionamos aqui. Essas ações são sinais reveladores de como as pessoas devem se comportar ou fazer certas obras que elevam a salvação eterna no Além.

Mais uma vez percebemos a influência pedagógica da Igreja na sociedade medieval. Essas revelações do Paraíso na *Visão de Túndalo* nos fazem compreender a tentativa de incentivar os ouvintes desse relato, já que era recitado por pregadores, ao correto caminho da salvação indicadas por ela.

Conclusão

A *Visão de Túndalo*, além de tratar das punições do Purgatório e Inferno, aspectos não tratados aqui, apresenta também os elementos do Paraíso, bem como os habitantes deste local. Antes de chegar ali, a alma do cavaleiro trava contato com um lugar intermediário, o pré-Paraíso, onde devido alguns pecados, seus habitantes sofrem algumas horas por dia. No entanto, ali já há elementos do Paraíso propriamente dito, como, por exemplo, a fonte com a água da vida, também mencionada na *Bíblia*.

O Paraíso Celestial é dividido em três partes, os Muros de Prata, Ouro e Pedras Preciosas. A narrativa deixa bem claro que existe uma hierarquia dos eleitos nos espaços do Além, de acordo com as ações terrestres. Assim, os leigos que poderiam adentrar no Muro de Prata eram os bem casados, que não haviam cometido adultério. No Muro de Ouro, estavam essencialmente os monges, aqueles que haviam lutado pela fé cristã e sofrido muitas tribulações para o fortalecimento da Igreja. Por fim, o melhor local de todos era o Muro das Pedras Preciosas, dedicado às nove ordens de anjos, aos profetas da Bíblia, apóstolos de Cristo e outros eleitos especiais, como os virgens e alguns religiosos de origem irlandesa, como mencionado no texto.

É interessante relacionar vários aspectos do Paraíso com as imagens medievais produzidas no século XV, como a de Fra Angélico, que mostra os eleitos num jardim muito bonito e alguns deles adentram o interior do Paraíso, de onde sai uma luz intensa. As imagens medievais auxiliavam a rememorar elementos da *Bíblia* e aproximar os fiéis de Deus. Podemos também perceber várias relações entre a fonte e as características dos eleitos no *Apocalipse de São João*, que são reproduzidas nos elementos que Túndalo vê nos espaços bons.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Através da *Visão de Tíndalo* e da descrição dos espaços paradisíacos, podemos observar as imagens construídas e difundidas pelos clérigos de como seria a concepção do Paraíso no Além Medieval. A narrativa, transmitida principalmente pelos *oratores* aos leigos através da oralidade, enfatizava modelos de conduta corretos para que todos os cristãos atingissem a salvação e a harmonia no Reino Celeste.

Fontes

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

Visão de Tíndalo. Ed. de F.H. Esteves Pereira. *Revista Lusitana*, 3, 1895, p.97-120 (código 244).

Bibliografia

BASCHE, Jérôme. Introdução: A imagem-objeto. In: SCHMITT, Jean-Claude et BASCHET, Jérôme. *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris: Le Léopard d'Or, 1996. p. 7-26 (tradução Cristina C. L. Pereira). In: <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/Imagem.pdf> Acesso em 20/02/2013.

_____. *A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e imagem*. SP: EDUSC, 2004.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* Trad. Maria Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DUBY, Georges. *As Três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

_____. *Idade Média, idade dos homens, do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

DUBY, Georges. História Social e Ideologia das Sociedades. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Orgs.). *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

FRANCO, J.r., Hilário. *A Idade Média nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993.

_____. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

_____. Além. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol I, 2002, p.21-33.

_____. *Uma longa Idade Média*. Trad. De Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LOPES, Rui Oliveira. *Imagens do Terror e a Construção da Moralidade*. *Arte e Sociedade*. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2011, p. 50-75.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

PONTFARCY, Yolande de. *L'an Delà au Moyen Age. Les Visions du Chevalier Tondal de David Aubert et sa Source la Visio Tundali, de Marcus*. « Introduction ». Berne: Peter Lang, 2010, p. XI-XLVII.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo. Companhia das Letras, 1999.

_____. *Imagens*. In: *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol I, 2002, p.591- 604.

_____. *O corpo das imagens: ensaios sob a cultura visual na Idade Média*. BAURU, SP: EDUSC, 2007.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. Aspectos Educacionais da Salvação Cristã na *Visão de Túndalo* (Século XII). In: OLIVEIRA, Terezinha e VISALLI, Angelita Marques (Orgs.). *Pesquisas em Antiguidade e Idade Média: Olhares Interdisciplinares*. São Luís: Ed. UEMA, 2007, p. 293-308.

_____. *Oralidade, Ensino e Imagens na Visão de Túndalo. Domínios da Imagem* (UEL), Londrina, ano III, v. 6, 2010, p. 7-22. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/83/50>

Acesso em 15/01/2013.

ZIERER, Adriana; PEREIRA, Solange. Diabo *versus* Salvação na *Visão de Túndalo*. *Opsis*. (UFG). Catalão, v. 10, n. 2, p. 43-58, 2010. Disponível em:

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/11234> Acesso em

25/02/2013.